



O sentido de Deus para Jacob Levy Moreno em *As Palavras do Pai*

The Meaning of God according to Jacob Levy Moreno in *The Words of the Father*

Vitor Hugo Lopes Paese
Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná
Brasil

Resumo

O artigo se refere a uma pesquisa de cunho epistemológico, que tem como objetivo estudar o sentido de Deus para Jacob Levy Moreno em seu livro *As Palavras do Pai*. São discutidos seus argumentos sobre o sentido de Deus frente aos conceitos de espontaneidade, de criatividade e de momento. Nas considerações finais, levanta-se a possibilidade de Deus enquanto um elemento fundamental para a compreensão da visão de mundo e a visão de homem no psicodrama de Moreno.

Palavras-chave: Deus; Jacob Levy Moreno; epistemologia; psicodrama; ética

Abstract

The article refers to an epistemological research which aims at studying the meaning of God according to Jacob Levy Moreno in his book *The Words of the Father*. His arguments regarding the meaning of the concept of God are discussed in face of the concepts of spontaneity, creativity, and moment. In closing remarks, the possibility of God as a key element for understanding the world and man views in psychodrama of Moreno is raised.

Keywords: God; Jacob Levy Moreno; epistemology; psychodrama; ethics

Introdução

Este artigo tem por objetivo estudar a noção de Deus para J. L. Moreno, em seu livro *As Palavras do Pai*, cuja versão utilizada é a tradução de 1992, para o português, da obra de 1941 publicada em inglês pela editora *Beacon House* de Nova York, pertencente ao próprio J. L. Moreno. Esta edição americana é a tradução e a ampliação da obra de 1920, *Das Testament des Vaters (O Testamento do Pai)* em alemão. Assim, o livro utilizado neste artigo, na versão em português, torna-se relevante pois contém dois momentos históricos de sua confecção, 1920 e 1941, assim como, exclusivamente contém o prefácio de Zerka T. Moreno – esposa de J. L. Moreno – para a edição brasileira, que esclarece o seguinte:

A versão inglesa era diferente em alguns aspectos em relação à versão original alemã, na medida em que Moreno escreveu alguns dos seus poemas-orações especificamente inspirados em sua vivência nos Estados Unidos e uma grande parte do que ele tinha escrito originalmente foi retirada (Z. T. Moreno, 1920/1992, p. 7).

A motivação para a escrita deste artigo deriva da hipótese de que uma epistemologia psicodramática começa por um olhar para uma teologia implícita, associada a uma noção de



Divindade psicodramática. Essa hipótese ganha corpo e pode ser sintetizada na seguinte frase dita por Moreno, num breve relato seu, aos 85 anos de idade, dado – pouco antes de morrer – a Pierre Weil quando da sua visita ao criador do psicodrama em 1974: “Passei a vida procurando Deus e não o encontrei” (Moreno citado por Motta, 2008, p. 46).

Nosso trabalho é compreender, entre outras coisas, o peso desta frase de Moreno, visto que a menção a Deus parece estar presente em grande parte, senão, em toda sua obra escrita, como temos, por exemplo, em sua autobiografia, organizada no Brasil por Luis Cuchnir (Moreno, 1997), onde encontramos a seguinte frase de Moreno:

Todas as minhas tentativas científicas no campo da psicoterapia tinham fortes tendências religiosas por trás (...). Todas essas realizações e avanços não se enganam quanto ao fracasso de concretizar o estabelecimento do Pai-Deus para todas as pessoas como uma ligação de união entre elas (...). Em nossa era, Deus não deveria estar apenas numa ou noutra igreja, mas em todos os meios que ligam as pessoas umas às outras, em todas as telas de TV, em todos os barcos, em todos os aviões, em todos os sonhos. Se Ele não está, deveria estar. Ele deveria ser feito para ser. O final do mundo pode vir, mas não o fim do Deus-Pai, enquanto houver coisas para criar (p. 155-157).

A justificativa para a relevância deste estudo se constitui pelo modo direto e enfático pelo qual J. L. Moreno aborda a temática sobre Deus e Sua importância na construção de toda a teoria e prática psicodramática (Moreno, 1920/1992; 1997). Já, na apresentação de seu livro *As Palavras do Pai* (Moreno, 1920/1992, p. 9), J. L. Moreno faz referência ao significado de Deus como uma concepção a ser explorada e compreendida em seus estudos. Tal compreensão permeia a construção das ideias e da teoria psicodramática de modo profundo e consistente: “Foi esse novo modelo de um Mestre Divino 'operacional' anunciado no *The words of the Father* que se tornou minha escada para o sistema sociométrico” (Moreno, 1997, p. 99).

Existem outros trabalhos já publicados que também abordam a temática de Deus e que focam, em especial, as correlações com o existencialismo e a fenomenologia para fundamentar e explicar a obra moreniana. Cabe aqui citá-los, tão somente: Martín (1978), Naffah Neto (1979, 1980), Fonseca Filho (1980), Gonçalves (1988), Aguiar (1990), Almeida (1988, 1991), Blatner & Blatner (1996), Costa (2001) e Calderoni (2010), entre outros.

Há um livro, em especial, escrito por B. W. Nudel (1994) que devemos aqui apresentar como sendo de grande relevância para o assunto que fala sobre as influências religiosas na vida e obra de J. L. Moreno. Nudel (1994) destaca que seu trabalho é uma tentativa de estabelecer uma ligação entre os princípios filosóficos morenianos e o hassidismo¹, haja vista que na presença de Moreno circularam pessoas tais como Chaim Kellmer, Martin Buber e Guershom Scholem, judeus hassídicos.

¹ Hassidismo é uma vertente mística do judaísmo criada no século XVIII, no leste da Europa.



Cabe aqui também salientar alguns elementos sobre o hassidismo. De acordo com Nudel (1994), a origem judaico-sefaradim de Moreno remete ao povo judeu que migrou da península Ibérica em direção à Turquia. Segundo Nudel (1994), o hassidismo surge enquanto uma corrente dentro do judaísmo no ano de 1750 e tem como fundador Israel Ben Eliezer, o Baal Shem Tov (o *Bescht*²). Dentre os preceitos básicos do hassidismo está a possibilidade de transformar a vida num constante e perpétuo contato com a divindade, indo além dos templos e dos ofícios sagrados. “Hassidismo significa piedade devota, devoção total a serviço de Deus” (Nudel, 1994, p. 44), o que leva a um senso de totalidade na união com Deus (Holanda, 1996). O *Bescht* saía das sinagogas e pregava junto à natureza, iniciando assim o que chamou de “contato direto com a Criação” (Nudel, 1994, p. 44); pois não havia mais separação entre o profano e o sagrado (Buber, 1966), “toda vida natural pode ser santificada” (Holanda, 1996, p. 156). Além disso, “o *Bescht* introduziu uma forma de servir a Deus através da alegria” (Nudel, 1994, p. 46), pois feliz é aquele que compartilha da essência divina (Buber, 1966; Holanda, 1996).

As Palavras do Pai

Na apresentação de *As Palavras do Pai*, em 1941, Moreno explica suas inquietações e pensamentos presentes à época em que escreveu a versão original de 1920. Uma de suas primeiras indagações foi de cunho existencial: “Será que eu sou realmente, apenas e tão somente, uma massa perecível, uma tão desesperançada existência, ou seria eu o centro de toda a criação e da imensidão do cosmos?” (Moreno, 1920/1992, p. 10).

Moreno começou a se questionar sobre sua responsabilidade para consigo mesmo; se essa responsabilidade também não seria para com todos os seus próximos e para com todos os povos. “Será que todo o Universo está sob *minha* responsabilidade? Comecei a perceber que não existem limites para a responsabilidade exceto para com o que nela há de inclusivo de tudo que se move e que se transborda de vida” (Moreno, 1920/1992, p. 10, grifo no original). Ele destaca que não há outra forma da responsabilidade existir, senão, existindo esta para com o Todo. Moreno acrescenta ainda que a única forma de assumir esta responsabilidade para com o Todo é, também, ter uma função criadora. “Eu devo ter estado lá, no princípio, há bilhões de anos atrás e estarei lá, a bilhões de anos no futuro. 'Eu me criei, logo, eu existo'” (Moreno, 1920/1992, p. 10).

Moreno (1920/1992) destaca que fez uma busca pelo entendimento e a compreensão de Deus conforme sua função e momento histórico. Menciona que pensou então:

1. no *Deus dos hebreus* – “intangível” e nunca visto – um Deus que estava fora do mundo deles, mas que sentiam importante e necessário para as suas vidas: um “*Deus-Ele*”;

² *Bescht* é apelido dado a Baal Shem Tov. É, segundo, Nudel (1994) a abreviatura de seu nome. O nome verdadeiro do *Bescht* era Israel Ben Eliezer (Holanda, 1996).



2. em *outras formas de divindade* inventadas pelo homem no decorrer dos séculos e dos milênios, frente a grandes crises do desenvolvimento mundial: *Cristo* é quem traz um Deus visível “na forma de uma aparência pessoal de um *Deus-Tu*, um Deus mais próximo, não apenas de poder, mas com uma enorme sabedoria e inteligência, um Deus-de-amor, de doçura e de recolhimento” (Moreno, 1920/1992, p.12).

Moreno (1920/1992) menciona que Deus não se transforma, mas que a concepção de Deus criada pelo homem deve acompanhar a atualidade da vida humana, chegando a hora de uma readequação do conceito de Deus. Assim, justifica Moreno (1920/1992):

Depois de tantas vezes traído, ele não é mais um Deus que vem de um Tu, mas que vem de dentro de nós mesmos, através do Eu, através de Mim (...). No Velho Testamento, Deus é Ele, no Novo Testamento, Deus é Tu, mas, agora, há um novo Deus, uma nova voz da experiência, uma nova via de comunicação com o Deus que vem do próprio Eu, através de Mim, através de você, através de milhões de “Eus” (p. 10).

Deste modo, Moreno relata uma noção de Deus que se desenvolve historicamente e que se adequa aos dias atuais. Passa de um Deus-cósmico, referente ao velho testamento, de um Deus-de-amor, que inclui o Deus-cósmico, referente ao novo testamento, e vai para um Deus “Eu”, que traz o Deus-cósmico e o Deus-de-amor (Moreno, 1992).

Moreno entende o Universo como estando em constante transformação, tal qual é Deus: “(...) como resultado de milhões e milhões de forças cósmicas ele está se transformando a cada instante” (Moreno, 1992, p. 13). Ele destaca que somos todos componentes destas forças cósmicas e que por isso fazemos parte do processo infinito de criação, sendo este processo o elo de ligação entre todos, o elo da responsabilidade pela criação infinita do Universo. A partir deste entendimento do Universo, Moreno passa a se denominar “Pai”, “Criador”, responsável por toda criação, parte desta criação – o que o coloca como “co-responsável” pelo universo e compreende assim que também é criador do universo. Cria, assim, uma:

aliança operacional com o mundo (...). Então eu vi o mundo como um gigantesco empreendimento com milhões e milhões de associados, vi mãos invisíveis, mãos estendidas, uma querendo tocar a outra, todos sendo capazes de, através da responsabilidade, tornarem-se deuses (Moreno, 1992, p.14).

Moreno apresenta, em seu livro *As Palavras do Pai* uma inversão dos princípios teológicos tradicionais. Destaca que Deus sempre é o mesmo, mas que o conceito de Deus se modifica, assim como qualquer outro conceito. Destaca, como exemplo, que Brahma, Jeová ou Cristo foram estágios de uma concepção de Deus. A menção a um Deus-Eu é, segundo Moreno (1992), a expressão total e definitiva de Deus.



Moreno relata um atributo importante desta noção de Deus, que é a sua “presença instantânea”. Aqui a criatividade é a forma mais intensa e presente de Deus. Não desconsidera Deus (referindo-se a Deus) outros atributos: a onipotência, a infinita sabedoria, a retidão, a caridade, mas enfatiza a criatividade, entendendo que esta, não recebeu a devida atenção por parte dos teólogos. A função de Criador é para Moreno o foco de estudo sobre Deus. “O Universo é uma criação em contínuo desenvolvimento e cada novo indivíduo que nasce cria, junto com Deus, o mundo que há de vir” (Moreno, 1920/1992, p. 22). Assim, há nesta obra, segundo Moreno (1920/1992), um “esquema existencial” criado a partir da voz do próprio Deus, onde a essência da nossa existência refere-se à fome por criar. Trata-se aqui de uma corrente dinâmica de criatividade.

O seguinte argumento é dado por Moreno: “Como Deus é inseparável do Universo e o Universo é inseparável de cada homem que vive nele, necessariamente cada homem é inseparável de Deus (...). O princípio do Universo é a criatividade (...). Deus é pura espontaneidade” (Moreno, 1920/1992, p. 24-29).

Moreno fala de um “atraso” sobre a concepção de Deus, um atraso teológico que mantém todo um sistema de valores desatualizado de seu real momento. Destaca que uma transformação revolucionária – se quiser atingir todo um sistema de valores – deve lidar diretamente com um conceito principal, que é o conceito de Deus (Moreno, 1920/1992).

Nesta obra, Moreno explica os elementos básicos de sua teologia. Desta que é tão somente a ciência da Divindade e que aborda Deus em si mesmo, sem religião alguma. Moreno propõe uma filosofia da Divindade, onde Deus é igual para todas as religiões, para todos os homens. Destaca que “cada organização quase individual, dos cristais às plantas, do animal ao homem, do homem ao super-homem, tem uma experiência subjetiva especial do mundo” (Moreno, 1920/1992, p. 135) e que uma filosofia dessa natureza não poderia ser proposta, senão, pelo próprio Deus, que possui as características necessárias para contemplar o Universo de uma só vez.

Ao se referir a uma frase escrita por Spinoza em seus *Princípios de Filosofia Cartesiana*, Moreno (1920/1992) argumenta que tanto o homem quanto Deus existem de fato e são necessários, visto que “quanto mais perfeito é um ser, mais necessário ele se torna”. A diferença entre Deus e o homem “está no grau de espontaneidade e criatividade que cada um pode manifestar (...). Deus é o Ser portador de máxima espontaneidade e Ele é o Ser cuja espontaneidade transformou-se totalmente em criatividade” (Moreno, 1920/1992, p. 136-137). Assim, o lugar no qual Deus se encontra é o de expressão máxima de espontaneidade e criatividade. A Espontaneidade é um produto do momento, que está em sincronicidade temporal com o Universo.

Houve um tempo, na era mitológica, em que a Divindade podia “evocar a criatividade e a espontaneidade necessárias para a criação de todo o Universo” (Moreno, 1920/1992, p. 137). O que se tem, na verdade, é um contínuo *status nascendi* na relação de Deus com o



Universo. Para explicar isso, Moreno faz uso do conceito de *momento*, dentro de sua filosofia da Divindade.

A noção de “momento” – algumas vezes entendido por “teoria”, ou mesmo, “filosofia do momento” – é uma necessidade conceitual para se entender a dinâmica *Deus-Universo-Espontaneidade-Criatividade-Homem* (elementos teóricos discutidos por J. L Moreno em *As Palavras do Pai*). Moreno (1923/1984) em seu livro *O Teatro da Espontaneidade* escreve sobre três fatores, fases diferentes de um mesmo processo, que contribuem para a compreensão do momento, a saber: o *status nascendi*, o *locus*, e a matriz. “Não existe a 'coisa' sem *locus*, não existe *locus* sem seu *status nascendi*, e não existe um *status nascendi* sem sua matriz” (Moreno, 1923/1984, p. 29). Destaca que o princípio de algo está justamente onde este algo veio à luz, onde ele surgiu, ou seja, a própria criação.

Definir “momento” é uma tarefa difícil, segundo Moreno (1920/1992). Para ele, este conceito tem sido posto em segundo plano pelos sistemas filosóficos conhecidos. Para os filósofos, o “momento” nada mais seria do que uma transição entre passado e futuro, não tendo, assim, substância real suficiente para compor um sistema teórico e prático da filosofia. Moreno (1920/1992, p. 141) menciona que o conceito de “conserva cultural” serve como um parâmetro para a espontaneidade, já que retira o sentido estéril teoricamente, e pragmaticamente inútil do momento. Moreno fala de uma escala de ordem axiológica onde o valor máximo da espontaneidade e da criatividade é a Divindade e onde o oposto ao máximo, o mínimo, o zero da espontaneidade e da criatividade é a conserva cultural.

Tanto Nietzsche quanto Bergson, segundo Moreno (1920/1992), se depararam com a falta de um conceito adequado sobre o “momento”. A teoria dos valores apontados por Nietzsche baseia-se em heróis e deuses que viveram a serviço da conserva cultural. Moreno menciona que as criações destes, livros e escritos, se dão enquanto obras prontas e finalizadas, com um alto grau de refinamento, mas pertencentes às conservas culturais. Todos esses “tesouros culturais”, apesar de denotarem criatividade, são conservas culturais e estão em descompasso com o momento. Moreno (1920/1992) destaca que Bergson chega perto de um entendimento da noção de criatividade em relação ao tempo, onde o homem é eternamente criativo a qualquer instante, mas que

Bergson não construiu nenhuma ponte entre o criativo absoluto, o tempo e o espaço no qual vivemos, que foi construído pelo homem. O resultado foi que, mesmo se estas experiências imediatas tivessem que ter a qualidade de uma realidade final que Bergson reclamava para elas, elas têm um “status” irracional e por isso são praticamente inúteis para a metodologia e para o progresso científico (p. 144).

Para Moreno (1920/1992), uma teologia da Divindade só pode existir se, em seu princípio, estiver contido o conceito de “espontaneidade”. Conceito este que assume tanto um valor biológico, social, quanto Divino. Devemos, diz Moreno, ser críticos a todas as



formas de profecias, atos e mensagens que foram no passado atribuídos “a Deus, às Bíblias, às Igrejas, às prévias imagens Dele, do Seu ser e de Suas funções” (p. 145), já que estas também são, em si, conservas culturais e que, assim, são desprovidas da própria espontaneidade e criatividade.

Deus possui uma função revolucionária espontânea criadora que tem sido deixada de lado frente a “Suas obras, Seu universo, Sua onipotência, Sua retidão e Sua sabedoria” (Moreno, 1920/1992, p. 146). Isso se dá frente à noção de ideal e de perfeição que deriva das coisas já acabadas e já concluídas que são conservas culturais e que são socialmente valorizadas e aceitas muito mais do que as coisas que permanecem inacabadas e num estado de imperfeição. Ao falar de obras respeitadas pelos seus bons acabamentos e por suas consideráveis perfeições, tais como a Bíblia, as obras de Shakespeare e as sinfonias de Beethoven, Moreno (1920/1992) explica que

A conserva cultural é, pois, uma categoria consoladora e que dá segurança. Não é, portanto, surpreendente que a categoria do *momento* tenha tido uma oportunidade muito pobre para desenvolver-se em uma cultura como a nossa, saturada de conservas culturais e, relativamente, satisfeita com elas (p. 146).

Ela mesma, a “conserva cultural”, num estágio inicial, deriva de uma matriz de criatividade espontânea. A espontaneidade, segundo Moreno (1920/1992) é um estado de prontidão que permite ao sujeito uma resposta mais rápida quando solicitado. “É uma condição – um ajustamento – do sujeito, uma preparação do mesmo para uma ação livre” (p. 152).

Ao explicar sobre a vulnerabilidade do homem frente à sua incapacidade de, por meio das máquinas e das conservas culturais, tornar a si mesmo semelhança de Deus, Moreno (1920/1992) destaca que a teoria da espontaneidade pode esclarecer três pontos fundamentais da Divindade: “1 – como um criador e na relação Dele com a criatividade; 2 – em Sua relação com o momento e o Seu conceito de onipresença; 3 – na relação Dele com o Universo, com ênfase especial na história do nosso mundo pessoal” (p. 157).

Para Moreno (1920/1992), a Divindade está presente em todos os atos criativos do Universo. Ela penetra em um sem-número de momentos pessoais, preenchendo-os sem privá-los de sua existência num dado momento frente a qualquer partícula do Universo. Ela (a Divindade) produz uma nova dimensão existencial, produz um “supramomento”. A Divindade:

Não cria, no segundo dia, o que criou no primeiro (...). A segunda vez é exatamente tão espontânea e nova como foi a primeira (...). Quanto mais livre é Deus em seus atos criativos, tanto mais livres serão os seres que dão à luz. Naturalmente, ocorre-nos uma pergunta: como se pode explicar o processo de criatividade de Deus, em termos de um universo humano?



Devemos ver a Divindade como coexistente com todos os atos criativos dos homens e, na verdade, Ela é a verdadeira essência deles (pp. 157-158).

Moreno escreve sobre a Divindade no tempo presente, como um fenômeno que continuamente está presente no Universo. “Deus está presente em cada detalhe da experiência” (Moreno, 1920/1992, p. 160). Isso faz com que Sua visibilidade total, esmagadora, torne-O invisível. Ao mesmo tempo, a Divindade possui uma existência subjetiva, “significando que Ela está viva e criativa no presente” (p. 162) e entendendo que Ela é constituída de uma subjetividade em nível diferente da subjetividade do homem. *O momento para a Divindade “é um momento do qual grande número de momentos 'humanos' faz parte”* (Moreno, 1920/1992, p. 162, grifos nossos). Assim, o entendimento da “onipresença” de Deus deve ser considerado como uma “multipresença”, onde sua presença está em um número limitado de momentos e situações independentes e onde o agrupamento, cada vez maior, de presentes permite a experimentação da onipresença pela Divindade.

Moreno (1920/1992, p. 166-167) menciona que a ideia de Deus é o reflexo preciso de um determinado estágio da cultura da humanidade, havendo um número grande e indefinido de construções sobre a ideia da Divindade satisfazendo um mesmo número de momentos requeridos em cada estágio. Fica, então, a dúvida sobre qual seria a verdadeira ideia da Divindade. Moreno (1920/1992) destaca que tal dúvida é sem sentido, visto que estas concepções sobre a Divindade nunca são definitivas, além do que, tal necessidade de uma concepção fixa sobre a Divindade é uma necessidade do homem por “conceitos antropomórficos” na intenção de criar uma ideia conservada sobre a Divindade. Moreno (1920/1992) escreve que busca uma congruência entre as Divindades já concebidas e a Divindade real que está na essência dessas concepções. Ele destaca que não há uma noção de Divindade definitiva, pois cada novo momento requer uma nova construção sobre o que vem a ser a Divindade - a despeito de considerar o *Deus-Eu* como a noção mais completa e definitiva de Deus, Moreno destaca, mesmo que não seja claramente explicitada esta contradição, que a noção de Deus nunca é definitiva, pois esta deve estar em consonância com o momento. Logo, podemos inferir que a noção de um Deus-Eu é completa e definitiva para o momento em que Moreno se encontra (a década de 1920).

Para Moreno (1920/1992) a velha ideia de Divindade apresentada por diferentes religiões, onde uma Entidade Suprema era Senhora indiscutível do destino do Universo, deve ser substituída pelo “homem-Deus”, entendendo esta como sendo uma concepção mais em acordo com o momento atual do homem em sua própria história.

Frente à sua nova ideia de Divindade, Moreno propõe uma teologia experimental. A concepção de Deus é a concepção do Criador, repleto de espontaneidade e criatividade. “A unidade da Divindade é compatível com a unidade da natureza” (Moreno, 1920/1992, p. 172). Assim, as subdivisões da ciência entre Sociometria, Antropometria, Biometria,



Astronomia, Geometria entre outros, são transitórias e se consolidam numa ciência mais ampla e universal, a qual chama de Teometria.

No instante em que apresenta sua Teometria, Moreno (1920/1992) menciona que a operacionalização de tal ciência deve pautar-se no agente criador,

Não em sentido metafísico, mas num sentido “metaprático”. Isso compele a extensão lógica do operacionalismo rumo ao “criacionismo”, termos esses, usados num sentido moderno, expressando um ponto de vista metodológico (...), quanto mais complexo é o nível de criatividade, tanto mais o criacionismo desvia-se do operacionalismo simples. No plano mais elevado da criatividade (o plano da Divindade) essa dissonância também chegará ao seu grau máximo. Nesse nível, as operações fluem da agência criativa. Todas as operações são levadas a cabo a partir do ponto de vista do Criador. Tudo integra-se na operação, já que pode existir nenhuma meta fora Dele. A metafísica transformou-se, por completo, numa “metapraxis” (p. 173).

Para Moreno “*metafísica é o ponto de vista da coisa que é criada, da criatura... É a prescrição para a experiência (...), consiste em generalizações que se referem a todas as manifestações especiais da existência (...). Metapraxis é o ponto de vista do criador*” (Moreno, 1923/1984, p. 48-49). Moreno (1923/1984) complementa o entendimento sobre a *metapraxis* escrevendo que esta não é o caminho para a experiência, mas sim, a criadora da própria experiência. É, em potencial, o *locus* do mundo. Existe antes do início e depois do fim do mundo. Trata-se de uma filosofia de criação pura, onde o imaginário é tão possível e real quanto o mundo em que vivemos. Menciona que após a retirada de todos os fenômenos e de tudo que está em volta disso, a única coisa que sobra é a *metapraxis*. Esta “é a vida da imaginação e da criação, a produção de entidades pessoais infinitas (...), é o lugar onde nossa eterna pergunta a respeito da liberdade da vontade (do livre-arbítrio) recebe uma resposta adequada” (p. 50).

Moreno (1920/1992, p. 174-177) cita os cânones do criacionismo como sendo a base para os métodos experimentais pelos quais a Teologia deve se operacionalizar. Destaca que estes cânones foram grandes teólogos que não se deram conta dos próprios métodos experimentais pelos quais puderam explorar a existência e a essência da Divindade, que foram as suas próprias existências. Aquilo que viveram na própria carne é o que fundamenta uma teologia experimental.

Os cânones citados por Moreno (1920/1992) são: Buda, Cristo e Espinoza. Sobre Buda, Moreno relata que sua busca por negar a ideia de Brahma, refugiando-se no vazio de Nirvana não foi suficiente para dissipar sua própria vontade, vontade esta que, para Moreno “poderia ter se tornado um impulso para um mundo novo sobre o qual buda poderia ter dito, as mesmas palavras que ouvimos do Pai: 'Isto me pertence, isto sou Eu, tudo isto sou Eu, mesmo’” (p. 175). Sobre Cristo, Moreno escreve que sua vida foi a expressão de um Deus no presente, um Deus pessoal, espontâneo e íntimo. A filosofia do criador está implícita da vida de Jesus. No que se refere a Espinoza, Moreno vai compará-lo com Cristo e Buda,



destacando que ele foi um crítico, diferentemente deles, que foram experimentadores. Espinoza, para Moreno, buscou definir Deus por meio do pensamento, Deus já estava encarnado na totalidade da natureza. Seu grande entendimento lógico de Deus o afastou do sentido da evolução da existência de Deus.

Por fim, Moreno (1920/1992) destaca que o treinamento da espontaneidade à experiência religiosa pode se dar de modo promissor. Tal aplicação de uma teologia experimental pode ser feita por oração. Ele relata que a oração é formada por palavra, pensamento, sentimento e plano de ação.

Ideias e emoções tais como amor, caridade, piedade, simpatia, felicidade, dominação, subordinação, humildade, lealdade, piedade, tranquilidade e silêncio todas essas categorias espirituais e psicológicas e muitas outras podem ser iniciadas, desenvolvidas ou treinadas com exercícios de espontaneidade (...) A espontaneidade e a criatividade, ambas são, desde já, consideradas como valores biológicos e sociais, são, aqui também, transformadas em supremos valores teológicos (Moreno, 1920/1992, p. 181-182).

Considerações Finais

Se retomarmos nossa hipótese inicial de que uma epistemologia psicodramática começa por uma teologia própria, por uma noção de Divindade psicodramática, então podemos aqui nos questionar sobre o ponto essencial que Moreno aborda em *As Palavras do Pai*. Moreno fala de uma Filosofia da Divindade em cujo princípio os conceitos de momento, conserva cultural e espontaneidade e criatividade, filosofia esta que se sustenta em uma "Teologia da Divindade", a qual compreende Deus como "Ser portador de máxima espontaneidade" (Moreno, 1920/1992, p. 137).

Moreno dá ênfase, em *As Palavras do Pai*, para uma nova compreensão de Deus: um homem-Deus capaz de manter a continuidade criativa do Universo, já que "o princípio do Universo é a criatividade" (Moreno, 1920/1992, p. 29). Deus é a expressão máxima de espontaneidade. Assim, "com finalidade de dar sentido à existência, devemos achar o caminho da criatividade e permitir-nos uma comunicação direta e uma maior identidade com o criador (...). A essência de nossa existência é a fome de criar" (p. 23-25).

Para que pudesse explicar mais sobre a Divindade, Moreno (1920/1992, p. 157-168) lança mão sobre três pontos capitais: o conceito do criador e o processo da criatividade; o conceito de momento e a onipotência da Divindade; e a Divindade nos vários estágios da história mundial. No que se refere ao primeiro ponto, ele destaca que a criação é sempre única e que nunca se repete. A Divindade coexiste com todos os atos criativos do homem em seu momento de nascimento, seu *status nascendi*. No que tange ao segundo ponto, Moreno fala da Divindade como um fenômeno presente em todo o Universo, presente em cada



detalhe da experiência. Ele relata que a Divindade é única em cada momento; momento este ligado ao todo, onde “devemos estabelecer de uma vez por todas que o momento para a Divindade difere essencialmente do momento tal como é experimentado pelo homem. É um momento do qual um grande número de momentos 'humanos' faz parte” (Moreno, 1920/1992, p. 165). Já, no que se refere ao terceiro ponto, Moreno destaca que as diversas concepções de Deus construídas pelo homem frente aos estágios particulares de cada cultura não abrangem a real concepção de Divindade. Ele entende que nenhuma concepção de Divindade pode ser definitiva, pois a cada momento ela pode ser exigida e se atualizar frente a necessidade da época.

Compreender a noção de Divindade proposta por Moreno, não apenas é importante, mas é ainda fundamental para a compreensão e utilização dos conceitos de momento, espontaneidade e criatividade. Neste sentido, podemos supor que há um forte entrelaçamento entre o pensamento psicodramático – em seu caráter objetivo e prático – e um pensamento “teológico” implícito nas palavras de Moreno.

Enquanto uma proposta de epistemologia, neste trabalho pudemos entrar em contato com as visões de mundo e de homem presentes no pensamento moreniano, nas quais a ideia de Deus é um elemento fundamental. Sobre a visão de mundo, Moreno entende o Universo como fonte e, ao mesmo tempo, produto da criação Divina. Tudo é regido pela compreensão da Divindade. E, sobre a visão de homem, este é considerado parte da criação e tão criador quanto Deus; é um homem-Deus, um homem criador, capaz de manter-se em contato com o momento da criação do Universo, o qual se mantém em um constante estado criativo, Divino. O homem e Deus são sócios e parceiros na criação do Universo. Podemos, assim, sintetizar que o homem espontâneo criativo também é o homem Divino.

Pretende-se que este primeiro momento de análise da obra moreniana seja igualmente o passo inicial na discussão sobre as possíveis relações teológicas entre seu pensamento e o Psicodrama, pois nos parece bastante claro que J. L. Moreno desenvolveu toda uma linha de pensamento teórico e de procedimentos técnicos a partir de uma compreensão de Deus. Ora pois, não estaria o psicodrama constituído, em sua matriz, da compreensão e de um entendimento próprio de Deus? Seria, então, o psicodrama teísta? Cabem, ainda nessa perspectiva investigativa, sugerir que sejam feitos estudos mais aprofundados sobre o tema, haja vista as limitações apresentadas neste artigo, por se tratar de um estudo pontual sobre um livro específico da obra de J. L. Moreno.

Referências

Aguiar, M. (Org.). (1990). *O psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889-1989*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Almeida, W. C. (1988). *Formas do encontro: psicoterapia aberta*. São Paulo: Ágora.



- Almeida, W. C. (1991). *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo: Ágora.
- Blatner, A. & Blatner, A. (1996). *Uma visão global do psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos* (P. Dantas Jr, Trad.). São Paulo: Ágora (Original publicado em 1988).
- Calderoni, C. R. (2010). *Compatibilidades entre o psicodrama e a daseinsanalyse na prática psicoterapêutica*. Lins, SP: Raízes.
- Costa, R. P. (Org.). (2001). *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. S. (1980). *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, C. S. (Org.). (1988). *Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível*. São Paulo: Ágora.
- Martín, E. G. (1978). *J. L. Moreno: psicologia do encontro* (M. J. A. Albuquerque, Trad.). São Paulo: Duas Cidades. (Original publicado em 1978)
- Moreno, J. L. (1984). *O teatro da espontaneidade* (M. S. Mourão, Trad.). São Paulo: Summus (Original publicado em 1923).
- Z. T. Moreno, Z. T. (1992). Prefácio. Em J. L. Moreno. *As palavras do pai* (pp. 4-5). (J. C. Landini & J. C. V. Gomes, Trads.). Campinas, SP: PSY. (Original publicado em 1920).
- Moreno, J. L. (1992). *As palavras do pai* (J. C. Landini & J. C. V. Gomes, Trads.). Campinas, SP: PSY. (Original publicado em 1920).
- Moreno, J. L. (1997). *J.L. Moreno: autobiografia* (L. Cuschnir, Trad.). São Paulo: Saraiva (Original publicado em 1989).
- Motta, J. M. C. (Org.) (2008). *Psicodrama brasileiro*. São Paulo: Ágora.
- Naffah Neto, A. (1979). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- Naffah Neto, A. (1980). *Psicodramatizar: ensaios*. São Paulo, Ágora.
- Nudel, B. W. (1994). *Moreno e o hassidismo: princípios e fundamentos do pensamento filosófico do criador do psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Silva, E. L. & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia de pesquisa e elaboração de dissertação*. (3a ed.). Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC.



Nota sobre os autores

Vitor Paese - Mestre em Psicologia, Professor da Associação Paranaense de Psicodrama e Psicoterapeuta. Endereço para correspondência: R. Lauro Linhares, 2123, torre A, sala304. CEP 88036-003 - Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: vitopaese@gmail.com

Adriano Holanda - Doutor em Psicologia e Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná. Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia - Universidade Federal do Paraná Praça Santos Andrade, 50 - Sala 215 (Ala Alfredo Buffren) CEP 80060-240 - Curitiba/PR, Brasil. E-mail: aholanda@yahoo.com

Data de recebimento: 18/01/2012

Data de aceite: 09/09/2012